

ARQUITETURA E EDUCAÇÃO: INTERAÇÕES QUE MOLDAM CONDUTAS

LISIÊ KREMER CABRAL¹; JOSÉ HENRIQUE C. CORDEIRO²; NEIVA AFONSO OLIVEIRA³

¹UFRGS, PROPAR – lisikcabral@yahoo.com.br

²UFPEL, PROGRAU – joseccordeiro@yahoo.com.br

³UFPEL, PPGE – neivaafonsooliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a partir da Primeira República (1889-1930) o ensino passou a ser percebido como ferramenta de progresso, assim foram realizados projetos para o uso específico e exclusivo da atividade de ensino, com arquitetura imponente e planta-tipo. Dessa forma, as construções se relacionaram ao desenvolvimento, poder e ideais de governo, configurando-se como uma arquitetura de caráter constitucional (KOWALTOWSKI, 2013). Durante o Estado Novo (1937-1945) essa prática de projetos padronizados em instituições de ensino também foi utilizada, tornando-se um símbolo de governo com intuito de moldar a sociedade através de valores sociais predeterminados (CABRAL, 2020).

O ambiente construído influencia e é influenciado pelas pessoas e essas relações acontecem de acordo com a individualidade dos sujeitos e dos lugares. As manifestações, as linguagens, e os valores utilizados e estabelecidos por uma comunidade são referenciados em historicismos e através dessas conexões sociais e culturais o arquiteto pode atuar transformando questões abstratas em objetos materiais (WAISMAN, 1985).

Alguns signos foram inseridos de maneira sintética na vida do homem, desempenhando em seu inconsciente comportamentos e reações de ordem e padronização. São dessas particularidades, manifestadas no ambiente construído e encontradas nos detalhes, que a pedagogia e a educação se apropriaram com intenção de moldar o comportamento, permitindo que a escola se tornasse uma “[...] máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (FOUCAULT, 2018, p. 144).

Os rituais presentes no ambiente de ensino transfiguram-se em mensagens que agem de maneira psicológica no comportamento humano. Essa conformidade ritualística no agir dos alunos aponta à padronização e, por um momento, torna os estudantes iguais. Tratando-se de escolas públicas, as simbologias presentes na *práxis* educacional demonstram as intenções dos agentes -do Estado, das instituições de ensino, ou do próprio professor - em instruir os alunos de acordo com seus ideais sociais e políticos. Assim, esses rituais são produzidos, codificados e disseminados, pelos idealizadores da instituição, passando pelos professores, aos estudantes e, posteriormente, a sociedade em geral (ESCOLANO, 2017).

As relações de interação entre os agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem - que englobam professores, alunos, funcionários, e ferramentas de ensino, incluindo o ambiente construído - baseiam-se em simbologias e seus estímulos perante os indivíduos, que resultam em apropriação, exclusão e adaptação. As denotações intrínsecas também devem ser foco de análise,

verificando além do tangível e material, atingindo delimitações de caráter subjetivo, emocional e sensível (MONARCHA, 2005).

Nesse sentido, a arquitetura escolar pode ser concebida como agenda educativa, integrante de um currículo oculto, pois a localização da escola, sua inserção na arquitetura urbana, o traçado do prédio, os elementos simbólicos e os aspectos decorativos internos/externos explicitam valores culturais/pedagógicos que determinam normas que interferem no que o educando interioriza e aprende. É, portanto, enquanto espaço escolar, construção histórico-cultural (LOMBARDI; NASCIMENTO, 2004, p.221).

A utilização do prédio escolar, relacionado a temas políticos, ideológicos, sociais, educacionais e culturais, pode direcionar o comportamento das pessoas que o habitam através do método pedagógico, da organização, da forma e dimensões da construção. Parte desse trabalho foi desenvolvido para a disciplina de Razão, Crítica e Educação oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas no segundo semestre de 2020, dentro da área de ciências sociais.

Esse trabalho vai ao encontro da dissertação de mestrado, em arquitetura e urbanismo, de Cabral (2020), em que a autora identifica os códigos e símbolos que as escolas projetadas e inseridas no contexto de implementação de um novo método de ensino, junto à política de nacionalização dos imigrantes e à nova linguagem arquitetônica, foram instrumentos de representação do governo e influência social.

O objetivo desse resumo é associar pensamentos filosóficos, educacionais e de arquitetura, possibilitando a reflexão e compreensão de como as construções escolares, da Primeira República e Estado Novo, e os métodos pedagógicos influenciaram na comunidade.

2. METODOLOGIA

De feitiço interdisciplinar, essa pesquisa, através de revisão bibliográfica que considerou o método de Cabral (2020) e a discussão dos autores Waisman (1985), Escolano (2017), Lombardi; Nascimento, (2004), Foucault (2018), compara o projeto de arquitetura escolar com o discurso político-pedagógico presente no período da Primeira República ao Estado Novo. A relevância e a justificativa desse resumo está na discussão e reflexão sobre a atuação e influências das práticas educacionais e da arquitetura no controle social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos autores apresentados, entende-se que o comportamento individual, consolidado por meio de relações em comunidade, influencia nas atitudes coletivas de acordo com situações ambientais e sociais, configurando uma memória e cultura local. As representações materiais, advindas das relações entre homem e ambiente, retratam ou espelham de forma subjetiva diversas questões imateriais. As edificações, através de formas e usos, são concretizações das necessidades humanas, atendendo a aspectos físicos e psicológicos,

apontando suas subjetividades através de símbolos que condicionam o agir das pessoas.

Compreendendo que a formação social e cultural é advinda de historicismos, elaborados por sujeitos que possuem individualidades na forma do pensar e agir, percebe-se que questões subjetivas são inseridas na vida do homem, servindo como ferramentas de governo e controle social. O ambiente e as circunstâncias locais em que o indivíduo está inserido exercem uma correlação de influências, que estão sempre em processo de desenvolvimento. Essas modificações, que ocorrem no decorrer dos anos, estão sempre sendo adaptadas às novas necessidades de progresso.

A educação apresenta traços herdados das antigas práticas pedagógicas. O ambiente de ensino, o currículo, a maneira de lecionar são fatores que exercem influência nos indivíduos. A escola, por meio de ferramentas de repressão, ocasionada por razões políticas, econômicas, sociais e culturais, pode atuar como instrumento dos governantes, impondo limites, determinando as formas de comportamento social, como também, seus padrões e modelos (Figura 1). Na figura abaixo, notamos um aspecto da organização da sala de aula - estudantes em fila - bastante condizente com a proposta de uma educação disciplinadora, militarizada e adestrante e também como uma técnica de governamentalidade ou um dispositivo biopolítico (FOUCAULT, 2018) que mobiliza a subjetividade dos indivíduos mesmo que eles não o saibam.



Figura 1. Alunos trabalhando em sala de aula, I.E.E. Assis Brasil, 1979 Fonte: Acervo do I.E.E.A.B.

A mensagem presente no ambiente escolar atua no comportamento dos estudantes e da comunidade escolar. Os símbolos e significados atribuídos ao ambiente construído podem ser encontrados na materialidade do posicionamento e organização em sala de aula, das classes, dos ornamentos do prédio, do pátio e muros. O comportamento pode ser moldado, também, de forma imaterial, com exemplo do regramento pelo horário e currículo, no alarme de intervalo, e em símbolos que direcionam o posicionamento social.

Existe relação entre a educação, cultura, comunicação e cidadania. Através disso, pode-se expressar a arquitetura como mensagem. Quando é feita essa reflexão, percebe-se que o ambiente construído manifesta ideias, e,

consequentemente, influencia no comportamento da sociedade, manipulando, de uma maneira mais abrangente, a cultura de um local. Dessa forma, o projetista precisa levar em consideração o contexto em que a obra será inserida, seja ele histórico, político, econômico, social ou educacional.

O professor, por meio do seu papel de auxiliar na formação dos cidadãos, possui condições de despertar e conduzir os alunos a reflexões científicas, possibilitando a elaboração de raciocínio e opiniões próprias, por meio do aprofundamento do conteúdo já a eles apresentado. Sendo assim, deve haver o entendimento, tanto por parte dos professores quanto dos arquitetos, de que a construção e a maneira de projetar possuem impacto pedagógico-social, podendo exercer influências positivas, ou negativas, conforme o seu posicionamento.

4. CONCLUSÕES

A conduta dos indivíduos pode ser moldada de acordo com as necessidades estipuladas pelo contexto social. A edificação escolar faz parte do processo de ensino, sendo uma de suas ferramentas, de forma que o método pedagógico, aliado a fatores políticos, ideológicos e sociais, determinarão o programa de necessidades.

O passar do tempo e as mudanças coletivas fazem parte do processo de formação cultural, filosófica e social da humanidade. Essas transformações devem ser observadas em seus aspectos materiais e imateriais, de maneira objetiva e subjetiva, para uma melhor compreensão do todo. Essas variações serão ressignificadas com os anos, porém ainda carregarão, de forma incorporada, suas relações históricas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, K. Lisiê. **Arquitetura Art Déco nas escolas do Rio Grande do Sul no período do Estado Novo (1930-1950)**. 2020. 207f. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Universidade Federal de Pelotas, PROGRAU, Pelotas.

ESCOLANO, Agustín. **A escola como cultura**. São Paulo: Alínea, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 42 ed. 2014. 6 reimp. 2018.

KOWALTOWSKI, C.C.K. Doris. **Arquitetura Escolar: O projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de textos, 2011. 1 reimp. 2013.

LOMBARDI, C. José; NASCIMENTO, M. Isabel (org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

MONARCHA, Carlos (org.). **História da educação brasileira: formação do campo**. Ijuí: Unijuí, 2005.

WAISMAN, Marina. **La estrutura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Visión, 3. ed. 1985.